

# GAZETA DE ESPINHO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Dezenove, n.º 36

ESPINHO

Director: J. Pinto Coelho

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA!

Propriedade da Empresa GAZETA D'ESPINHO

Composição e Impr. TYPOGRAPHIA PENINSULAR  
24 - RUA DE S. CHRISPIM - 26 - PORTO

Editor: - Jeronimo Alves Moreira

## Revigorada e consolidada...

Vae passada a tormenta. Soam já os ultimos ecos da luta travada contra os inimigos da Republica que num golpe, mal cortido, quizeram deruir as instituições vigentes, provocando e ameaçando subverter e subjugar o paiz nas convulsões duma guerra civil.

O povo e o exercito eloquentemente demonstraram que os tempos não vão propicios para aventureiros de negra sina. Repelidos e rechassados em toda a linha, com o valor patriotico digno duma epopeia—verdadeiros portuquezes, breve, liquidaram a arduosa aventura, fazendo-os capitular aos refalsados campeões da restauração—numa ignominiosa retirada.

Não mais, cremos, a vibora pretenderá levantar cabeça.

A Republica saiu do lance revigorada e fortalecida, porque tem a firma-la a inequivoca simpatia do povo e o devotado civismo do exercito.

As instituições republicanas mais se consolidaram após esta agitação de momento. As suas bases de consolidação acham-se profundamente arreigadas no sentimento patriotico, de tal modo que o impeto do temporal apenas conseguiu

desapertar novas energias e avivar estímulos mais fortes.

Após a alento da victoria, não devêmos por um instante, *desarmar*, não porque se receie a investida do inimigo, mas porque se impõe, cada vez mais, o aturado esforço de consolidação, para que frutifiquem floresçam os elementos da sã democracia, tam generosamente impulsionada pelos homens da revolução

Ha que progredir! A Republica não pode estacionar, tam pouco retroceder na sua evolução democratica.

Só bem defendida e orientada, ela deixará de sossobrar, mercê da inercia contemplativa duns e da traição de outros. Não chegou positivamente o periodo de ensarilhar armas. E' que a reacção, solerte e manhosa, espregia cá dentro todas as oportunidades para surrateiramente fazer o seu jogo.

Não desarmêmos. A Republica, forte e consolidada, deve manter a sua força e sustentar o seu prestigio. Deve avançar e firme e sem hesitações. Sirva de lição o passado.

Não é ainda a hora das transigencias incondicionaes.

## COMENTARIOS

### Defeza nacional

Mais de uma vez, temos advogado a impreterivel necessidade de se organizar condignamente—custe o que custar—a *defeza nacional*.

Sobretudo se impõe, a nós, paiz colonial, a organização de uma esquadra, que seja não só salvaguarda do nosso dilatado dominio ultramarino como tambem baluarte glorioso da nossa marinha, a tantos titulos gloriosa e cheia de tradições

E' um sacrificio patriotico a que o paiz tem de se resignar.

Parece-nos posto este dilema—ou adquirimos uma esquadra sufficientemente poderosa ou teremos de abdicar da nossa influencia colonial.

Bom fóra que todos assim o compreendessem.

### Os padres

Não pode o correspondente do «Janeiro» resignar-se á *hostilidade* declarada ao clero nacional, como diz o notavel jornalista. Vem sempre o argumento de que uma classe não pode ser responsável pelos desatinos de alguns dos seus

membros. Ora, primeiramente, está demonstrado que o tal clero nacional deixou de existir.

A *maioria*, a grande maioria do clero manifestou-se pela obediencia a Roma, chegando mesmo, no caso das pensões, a ser mais papista do que o papa. O tal clero portuquez, ostensivamente resignou a pensão do Estado. Foi até incoerente, porquanto andou longos anos a pedir a dotação. Se os padres não querem pensão, de certo podem sustentar-se á sua custa ou dos fieis. O caso da renuncia á pensão é, mui evidentemente, uma grêve solidaria, que demonstra o espirito jesuitico, adverso á Republica da maioria dos parocos.

Depois não se compreende que queira salvar-se uma classe, uma colectividade, quando os erros são de quasi todos os membros da comunidade.

Não. O clero nacional ficou reduzido a uma insignificante minoria, da qual se divorciou, em massa, o maior numero da antiga classe submissa a Roma e aos jesuitas. Ou será tudo a respeitavel classe do clero nacional?

### Uma festa de pensionistas

Como noticiamos, realisa-se hoje, no logar da Idanha, da freguezia de Anta, uma festividade

religiosa em que só tomam parte padres pensionistas do Estado.

Os reaccionarios dali andam fullos, verdadeiramente desorientados.

Para desviar a concorrência lançaram mão do processo de *apavorar*, mas—dentro do evangelho da seita—recorreram á de úncia anónima.

Os *imbecis* quizeram fazer vencer a auctoridade de que haveria desordem, se a festa se realizasse. Pretendiam assim determinar a proibição desse ato do culto!

E depois ameaçavam com a intervenção da *carbonaria*. Como se a carbonaria tivesse alguma coisa com essas contendas de sarchristial Enfim... bemaventurados os pobres d'espírito!

### Data memoravel

No dia 26 de Julho de 1773 foi extinta pelo Santo Padre Clemente XIV a companhia de Jesus.

Para se fazer contas com os Jesuitas, a bula desta dalá que os extinguiu devia ser conhecida de todos como é a taboada.

### Iluminação publica

Era conveniente que o digno director da Companhia Geral d'Electricidade, desse as necessarias providencias para que a iluminação publica acudisse mais cedo, afim de não causar transtorno nos estabelecimentos servidos pela electricidade.

### Como se faz um monstro

#### (excerptos)

Elle era n'esse tempo uma creança loira Vivendo na abundancia agreste da lavoura. Ao vento, á chuva, ao sol pastoreando os

gados. Deitando-se ao luar nas pedras dos cirados. Atravessando á noite os solitarios montes. Dormindo a boa sesta ao pé das claras fontes. Trepando aos pinheiraes, ás fragas, aos barrancos. No rijo e negro pão cravando os dentes brancos. Radioso como a aurora e bom como a alegria.

#### II

Um dia o pae, um bravo aldeão, Chamou-o ao pé de si e disse-lhe:

«João.»

A' força de trabalho e á força de canceiras A moirar no monte e a levar-gado ás feiras; Consegui juntar ao canto do bahu Alguns pintos. Vocês são dois rapazes; tu, Além de ser mais novo, és mais intelligente. Vou botar-te ao latim; quero fazer-te gente. Hasde-me dar ainda um grande pregador. Hoje padre é melhor talvez que ser doutor. Aquillo é grande vida; é vida regalada. Olha, sabes que mais? manda ao diabo a enxada.

Aquillo é que é vidinha! aquillo é que é d'escanço! Arrecada-se a congrua, engrola-se o ripanço. Arranja-se um sermão ahí com quatro tretas Vai-se escorropichando o vinho das galhetas. E a missa seis vintens e doze os baptisados. Depois independentemente e sem nenhuns cuidados!

Olha, João, vê tu o nosso padre cura: E', sem tirar nem pôr, uma calvagadura. Vi-o chegar aqui mais roto que os ciganos. Pois tem feito um casão em meia duzia de annos.

Isto é desenganar; os padres sabem-na toda... E' o sermão, é a m'issa, é o enterro, é a boda,

E' pinga da melhor, é tudo quanto ha! Quando o abade morrer hasde vir tu p'ra cá. Despacha-te o doutor nas côrtes; quando não Voltamos contra elle, e foi-se-lhe a eleição. Mas que é isso, rapaz? Nada de choradeira! E' tratar da merenda, e quinta ou sexta

feira Toca p'ro seminario. Eu quero ir para a cova Só depois de te ouvir cantar a missa nova.»

Guerra junqueira

## JOÃO AUGUSTO DE MENDONÇA BARRETO

### Os funeraes do administrador de Cabeceiras de Basto

Em Aveiro realizaram-se, no domingo ultimo os funeraes do administrador do conselho de Cabeceiras, cobardemente imolado, á sanha ferina de reaccionarios demetados, perversos e cobardes.

Essa homenagem funebre foi uma imponentissima e saudosa manifestação ao patriota e sincero republicano que morreu heroicamente no seu posto!

Aveiro, a cidade de gloriosas tradições liberaes, soube honrar-se com esta apoteose. Todo o districto e todo o partido republicano, se associou, de boamente, a esta significativa homenagem.

Como dissemos, do Espinho fizeram-se representar todas as agremiações e colectividades politicas.

A descrição mais circunstanciada e sentida da lutuosa cerimonia encertamo-la com a devida venia do nosso estimado colega «O Campeão das Provincias»: Sentimos que o espaço não nos permita dar-lhe todo o desenvolvimento noticioso, com que o nosso confrade historia esse acontecimento.

### Consagração Nacional

A cidade de Aveiro recebeu, no domingo, com as honras que lhe eram devidas, o cadaver de João Mendonça.

Foi, de entre tantas comemorações funebres a que temos assistido, a mais grandiosa e a de mais eloquente e mais alta significação moral que se tem feito entre nós.

Apesar do que se sabia pelas demonstrações de pesar que dia a dia se iam recebendo na cidade, pela familia, pelos amigos, pelos partidarios especialmente pela comissão encarregada da comemoração, o que em Aveiro se fez em honra da vitima de Cabeceiras de Basto, excedeu toda a espetativa.

Desde o illustre chefe do Estado até ao mais humilde cidadão portuquez, tudo aí se fez representar, dando ao acto a alta significação duma verdadeira consagração nacional.

Foi, de facto, um grande, um eloquente preito da nação inteira.

Foi bem a glorificação da Republica na consagração dum martir da Patria.

### Vogando... Na morte como na vida - Atravez da cidade

Sim: a cidade de Aveiro prestou naquele dia, com uma entereceda prova de entranhado afeto, a mais alta homenagem a que até hoje nos foi dado assistir.

Três mil pessoas, num relançar de olhos contadas, se juntaram nas proximidades da estação do caminho de ferro aguardando um cadaver.

Este chegara pouco antes da hora apasada. Vinha coberto de flôres. Emergia delas como se fóra um pequeno bachel sobrenadando á superficie dum oceano de folhagens. Mãos piedosas de senho-

ras tinham espargido sobre ele amplos punhados de petalas. Cobria-o a bandeira nacional.

Ele quizera-lhe com amor amara-a com paixão. Era a toalho cristalina das aguas e era o man-to verde-rubro do pendão nacional que lhe enchiam a alma sonhadora. Sobre aquela havia-se-lhe formado o espirito animoso. O mar atrafa-o. Falava-lhe, dizia-lhe canções, recitava-lhe poemas ao ouvido. Ele namorava o luar espelhado sobre os lagos.

Quando o Cinco de outubro despedaçou os derradeiros elos que acorrentavam a nação aos degraus dum trono, foi ele então que se lhes fez ouvir. Foi contal-o carinhosamente ás correntes. Foi dizê-lo ao vento que as revolve no cantico estridoloso do seu entusiasmo.

O primeiro barco sobre que flutuou a victoriosa flamula na ria, foi o que ele timonava. O primeiro cadaver que o glorioso pendão havia de envolver, era o seu! O destino tem designios assim.

Andava nas 15 horas quando o sr. governador civil quebrou os selos com que vinha vedada a camara ardente. Acorreu ali toda a multição que enchia a gare. O vagon vinha juncado de cartões de visita, ali deixados por desenas de visitantes que nas paragens do percurso iam prestar-lhe homenagem. Foram cuidadosamente tiradas as cordas e *bouquets* que trazia. Quando o feretro desceu, o sol inundou-o nas suas ondas de luz. Enchugaram-se. Abriam-se alas, e o cadaver passou atravez de um côro de expressões amigas.

For mou-se o cortejo numeroso, que passou entre cerradas filas de assistentes. As janelas das ruas do trajeto, estavam apinhadas. Trajava-se de negro em grande parte.

### O cortejo

O prestito seguiu o itinerario prescrito: ruas da Estação, Carmo, Gravito, Manuel Firmino, José Estevam, Entre-pontes, Praça Luiz Cipriano, Corredoura e cemiterio. Abria-o a banda «José Estevam» seguida pelos voluntarios de Aveiro Agueda, que conduziam as duas baudeiras; depois, numerosas creanças das escolas officiaes da cidade e concelho, o *Asilo-escola-districta* com a sua banda; academia e respetivo estante; associações diversas, entre as quais a dos Bateleiros, Constructores civis, operarios de todas as fabricas com os seus estandartes; centros e comissões republicanas; os bombeiros com a sua banda; juntas de poroquia, representantes da imprensa, empregados do Banco de Portugal e Caixa-economica, funcionarios publicos, Camara municipal da cidade com o seu rico estandarte envolto em crepes; representantes do governo e camara dos deputados, carro



condutor das corôas encimado pelo busto da Republica e depois o feretro, conduzido na carreta da corporação dos bombeiros, de que João Mendonça havia feito parte. Cobria-o a bandeira nacional.

A chave da urna levava-a o sr. governador civil, que era acompanhado pelo sr. commissario de policia.; seguiam-se os membros da familia do extinto. Fechavam o prestito a banda do regimento de infantaria 24, toda a officialidade superior e subalterna de terra e mar, avultado numero de officiaes inferiores e praças de infantaria, marinha e guarda fiscal, seguindo-se uma massa enorme de povo.

A marcha executada pela banda regimental foi pelo seu habilitado regente, sr. Antonio Alves, expressamente composta, sobre motivos da *Portuguesa*, para este fim. Todas as outras tocaram tambem durante o trajeto.

Desde madrugada que á cidade affluia gente de muitos pontos distantes. Carros, automoveis e comboios trouxeram durante o dia milhares de pessoas.

Da vespera estavam os srs. drs. Barbosa de Magalhães, Sidonio Gaia e Augusto José Vieira, deputados da nação, que aqui se juntaram aos srs. drs. Marques da Costa, Manuel Alegre e Alberto Souto, para no funeral representarem a camara de que são illustres membros.

O feretro era ladeado por dez praças de marinha e outras da guarda fiscal.

Desde a estação até ao cemiterio organisaram-se seis turnos, que pegaram ás borlas e eram compostos:

O 1.º pelos deputados da nação, o 2.º pela officialidade da guarnição da cidade, capitão do porto e comandante da guarda fiscal, o 3.º pelas camaras municipais do concelho, o 4.º pelos administradores, o 5.º pelas juntas de paróquia do concelho, o 6.º pelo professorado, o 7.º por empregados das repartições publicas, e os restantes por varias entidades, tendo-se tornado impossivel dar representação a todas as colectividades por não haver inscrição prévia nem tempo para se organisarem todos os turnos que se desejava.

#### No cemiterio—Os discursos

Era perto das 18 horas quando o feretro pousou, junto do monumento levantando aos martyres da Liberdade, onde em principio se pensou encerrar o cadaver de João Mendonça. Estão ali as cabeças das victimas da ferocidade dos *malhados*. Tinha ali lugar tambem o corpo de mais uma: a vitima da hediondez e perversidade dos reactionarios de agora.

Deu-se começo então á série dos discursos. O recinto havia sido invadido por uma avalanche humana. O sol queimava. Pois ninguem arredou pé.

Tomou em primeiro lugar a palavra o sr. governador civil.

Em seu nome e do governo, disse, vinha ali prestar a ultima homenagem ao legionario valoroso que soube morrer gloriosamente no seu posto. Fôra ali que a traição o surpreendêra. O nome de Mendonça Barreto pertence á nação. Esta ha-de recordá-lo sempre porque ele muito honrosamente a serviu.

Segue-se-lhe o sr. dr. Sidonio Pais, que fala pela deputação parlamentar que em nome das camaras legislativas da Republica aqui veio para acompanhar os restos de João Mendonça. Ataca a bandiagem reaccionaria que fez aquella vitima. A morte é muitas vezes a glorificação duma vida. A morte fisica desenvolve forças na natureza, transformando um cadaver em novos organismos. A morte dum heroi da Republica dá novo alento a um regimen que nasceu de sacrificios e de abnegações e que veiu do povo, do amor pela liberdade e pelo progresso. A morte de Mendonça Barreto ha-de ser nobremente vingada.

Fala depois o sr. Mario Duar-

te. Fala por ele o coração, fala a sua alma, fala nela a sua grande, a sua enorme dôr, o sentimento que os avassala, e á sua palavra, repassada de angustia, brotam lagrimas de muitos olhos até á custo enxutos. Ela produz, pela sinceridade de quem os brota, pelo rigor de apreciação e pela comocão eloquente com que é proferida um intimo movimento de dor no auditorio.

Foi pela sua mão que João Mendonça entrou na administração do concelho de Ihavo. Estava no poder o ultimo ministerio da monarchia. Aceitara o logar e fizeira-o, sem quebra das suas convicções arreigadamente republicanas, honrando o cargo e o nome. Diz dos seus serviços á terra da sua colaboração em muitos empreendimentos uteis e fecha por um sentido adeus já que não pode dar-lhe um sopro de vida.

Tem depois a palavra o sr. Augusto Vieira que representa o illustre chefe do partido democratico, sr. dr. Afonso Costa, e o jornal o *Mundo*. Lê uma extensa alocução que o espaço nos não deixa transcrever agora, mas que daremos no numero proximo.

Segue-se-lhe o dr. Marques da Costa em nome do Directorio. Dando a vida pela causa da Patria e da Republica, João Mendonça soube continuar as tradições gloriosas da nossa terra, que tantos martyres deu á causa da Liberdade. Este regou tambem com o seu sangue o solo; dêle brotará uma flor perfeita, a Republica consolidada, que fará a felicidade desta Patria. Termina desejando que ele descanse em paz. A Republica não esquecerá seus filhos.

Segue-se o sr. Alberto Souto. Fala não só como amigo que foi de Mendonça Barreto, mas, sobre tudo, como patriota e republicano.

Que fôra um dos mais belos representantes da raça lusitana, diz. Boémio, sonhador, arrojado, destemido e heroico, amou como ninguem a luz, o mar, a liberdade e a Republica. A sua alma era gémea da alma das ondas, que faz despertar em nós os sonhos das descobertas e das conquistas. Quiz na Republica um reduto de e dificuldades. Lá morreu fazendo frente a um bando de sicarios, sem diante da morte. A historia recolheu o seu nome, porque não ficam nela apenas os dos grandes e poderosos. Que se não chore a sua perda. Os heroes coroarão-se com palmas a flores. A sua memoria pertence á eternidade. A bandeira da Republica, vermelha do sangue dos martyres, está mais rubra e mais gloriosa agora porque a tingem tambem o sangue generoso de João Mendonça.

Em nome da Guarda-fiscal portuguesa fala depois o seu comandante em Aveiro, o tenente Costa Cabral. Presta-lhe a sua homenagem civica de patriota, de republicano e de amigo de Mendonça Barreto.

Dos bandidos que lhe arrancam a vida, diz que não podendo assassinar a Patria, assassinaram em João Mendonça um dos seus mais queridos defensores.

Tem a vez, a seguir, o sr. dr. Barbosa de Magalhães, produzindo um belo discurso, que no proximo numero faremos por publicar.

Cabe em seguida a palavra ao sr. dr. Joaquim de Melo Freitas.

Diz do valor dos aveirenses, e relembra os feitos dos martyres da liberdade, referindo-se, a proposito, á acção do capitão Maia Magalhães nas duas incursões de Couceiro, fazendo ao mesmo tempo a apologia da heroicidade de Mendonça Barreto. Termina por dizer que, servindo-se da frase do orador dr. Barbosa de Magalhães, a hora não é para tristezas mas sim de alegria porque se glorifica o heroi fazendo a apoteose da Republica.

Em nome da cidade, que representa, fala o illustre presidente do municipio, sr. dr. Brito Guimaraes. E' tambem do numero das que no sabado aqui daremos, a sua brilhante oração.

Encerra a serie o sr. Silverio

de Magalhães, em nome do «Centro republicano de Aveiro». Invoca a memoria de seu pai, que foi um liberal, lembrando atrocidades doutras eras: Mendonça Barreto pertence á falange dos martyres. Mataram-o descendentes dos bandidos miguelistas.

## O combate de Chaves

A antiga villa de Chaves pousa quasi toda num outeiro arredondado, de pequena elevação, a 10 quilometros da raia galega.

Restos de vestuta muralha a comprimem e afogam, impedindo a salutifera circulação do ar, e a expansão da casaria, que se amontôa ruelas estreitas e mal cuidadas, em que palpita a maior atividade comercial e vive a mais abundante aglomeração humana de traz os montes.

Quem das muralhas do forte de S. Francisco, onde está instalado o hospital militar, olhe para a Galiza, um amplo horisonte, variado e formoso, se oferece á nossa admiração. O rio em meandros corta longitudinalmente o amplo vale que se estereita junto á raia para logo se alargar formando a veiga de Verin. A' direita, a uberrima pelanície, na margem esquerda, limitada por serras, em cujo sopé as povoações se multiplicam, e colada ao rio, quasi em linha recta, a estrada que de Chaves conduz a Verin.

Ao longe, a 8 quilometros, envolvida na gaze azulada das vaporações da humida bacia, a aldeia de Vila Verde, num cabeço dominado pela serra de Mauros, que á direita se ergue magestosa.

A dois quilometros desta aldeia, onde se encontra o posto aduaneiro e um pequeno quartel da guarda fiscal, a aldeola galega de Feces, debruçada sobre um ribeiro, que a estrada transpõe por uma pequena ponte internacional: Daqui foi ferido o capitão Maia Magalhães na escaramuça do dia 7, segundo dizem, já depois de ter terminado a sarrafusca, que acabou com a fuga dos paivantes.

Desviando os olhos para a esquerda, o quadro é diferente. Successivos cabeços pouco elevados numa ondulação suave e monotonna, ora endoados por raquicos e escuros pinhais, ora destacando-se pelo louro desmaiado do restólhos, formam o campo onde se desenrolou a investida do dia 8. A uns tres quilometros do nosso ponto de observação o terreno deprime-se na nossa frente e torna-se invisivel. E paralelamente ás montanhas, que fecham o vale pela direita, outras montanhas mais altas, o fecham pela extrema esquerda, ao fundo dos quaes junto á Galiza, se alcandora Soutelinho da Raia, onde se refugiou parte dos conspiradores.

### Sem serviços de vigilancia — A primeira fase do combate — Seiscentos contra duzentos

Se nos collocarmos pois na muralha do forte de S. Francisco, ponto dominante da villa e olharmos para a fronteira galega, teremos deante de nós todo o campo de batalha constituido, como já disse, por pequenos cabeços e declives suaves, que da direita morrem no Tamega e da esquerda num pequeno ribeiro, que desagua naquella, abaixo e junto da villa. O ponto culminante fica no espaldão da carreira de tiro, onde os paivantes tinham uma peça e onde o Couceiro esteve, segundo me disseram os artilheiros aprisionados.

Pelas 8 da manhã um homem de S. Jorge avisou que os conspiradores se aproximavam, mas as suas declarações foram recebidas com reserva. Não se acreditava nisso, nem havia serviços de vigilancia. Foi preciso que o inimigo batesse á porta...

Começou a 1.ª fase da refréga.

Os nossos soldados correram ás armas, juntamente com os civis, todos na força de uns 240 homens, alguns dos quaes ficaram guardando os quartéis e vigiando outros pontos. Desta forma para a linha de fogo caminharam aproximadamente 200 espingardas, em diversos grupos, sob o comando de alguns officiaes.

Os nossos, num impulso vigoroso, avançaram até junto do espaldão mas foram obrigados a recuar e desmoralisaram-se quando os canhões inimigos troaram, na lembrança de que a nossa artilharia estava longe. Comtudo, abrigados pelos muros das quintas que daquelle lado circundam Chaves mantiveram o inimigo a distancia, recuperando o sangue frio. Do espaldão da carreira de tiro e dum local proximo, as peças dos conspiradores punham frémitos de pavor na população da villa, varejada pelas granadas, ao mesmo tempo que alguns tiros eram tambem dirigidos contra as posições das nossas forças. Nos primeiros momentos um alarido medonho alastrou-se por todas as ruas, lembrando o dia do juizo de que falam os masmarros virtuosos. Em breve a tranquillidade foi entrando no animo de todos, que viram, na intrepidez dos nossos soldados e civis armados, uma garantia segura de defesa.

### A segunda fase da refréga — Um ataque de flanco muda a situação

A acção prolongou-se até ás 11 e meia, em que o sol extremamente quente desse dia já escaldava os combatentes, esgotando-os. Nesta primeira fase a superioridade esteve do lado dos paivantes, em numero aproximado de 600, com duas peças e 5 metralhadoras. Não entraram porque foram incapazes de um acto mais energico, que facilmente os conduziria dentro dos muros. A esta hora foi do nosso lado ordenado um ataque de flanco, que deu resultados imediatos e abriu a 2.ª fase do combate. As nossas forças conservaram sensivelmente as mesmas posições e um grupo atacou-os pela direita.

Este ataque inesperado fez vacillar o inimigo e as baixas que lhe produziu desanimou-os bastante, ao mesmo tempo que punha os nossos homens satisfeitos e atrevidos. Como as baixas entre nós eram insignificantes havia quem se espozesse temerariamente, como se tratasse apenas de *fogo de vistas*. A *Maria dos garotos*, tão carinhosa para os nossos aoldodos, não faltou no momento de perigo e, na linha de fogo, heroica, desprezando a morte, levando agua, mantimentos e munições, como uma boa fada, cheia de amor e sacrificio. O sol queimava, e os combatentes continuavam o tiroteio sem que a vitoria pendesse manifestamente para um dos lados.

### A terceira fase do combate — A derrota

A's duas horas da tarde chega a nossa artilharia, duas peças de Amarante, que haviam partido no caminho de Montalegre, e ao primeiro tiro uma granada foi cafr no pinhal da direita. Abriu-se a *terceira fase* do combate e logo no inimigo se esboçou claramente a derrota, começando a recuar varejado pela metralha e pela fuzilaria, que se estendeu até ás seis da tarde. Mas os nossos homens estavam cançados e a perseguição não se pôde fazer-se com a rapidez que seria para desejar, porque se o fosse nem uma espingarda entraria na Galiza. Divididos em dois bandos, os inimigos abriam-se como as varas de um leque, caminhando uns para a direita, indo passar a fronteira junto ao Tamega, retirando os outros para a esquerda a ocupar Soutelinho, junto á raia, na montanha, deixando no campo as duas peças, uma metralhadora, armas, muni-

ções, bandeiras, luvas, meias de mulheres, retratos do D. Miguel, etc., muitos mortos e feridos, restos de uma luta ingloria e torpedada como algumas casas esburacadas dentro da villa.

A luta travou-se com valentias sem verdadeira tatica, principalmente do lado paivante, pela sua indecisão, perdeu a partida podendo tê-la ganho.

O inimigo expunha-se bastante e descobriu-se muito, pelo que teve muitas baixas. Da nossa parte entrou-se resolutamente na luta que foi titanica e homérica, restando sempre entusiasmos e ordem entre os diversos grupos que combatiam as forças do Couceiro, sem que os nossos tivessem de principio artilheria e metralhadoras.

Viu-se que, embora por cá a numero de patifes e traidores fosse grande, tão maus como covardes, o exército soube cumprir com o seu dever, e ao lado da Republica ha ainda gente capaz de a defender e de por ela se sacrificar.

Chaves, 20-VII-912.

Antonio de Miranda.

## Razões dum

## CAMPONEZ

### Dialogos simples para aldeãos

—Boa noite, Joaquim.  
—Venha com Deus, sr. João.  
—Então hoje não tem visitas, meu amigo?  
—Ha bastantes dias que os companheiros da palestra não apparecem. Não sei se estarão melindrados...  
—Iriam eles para o Palva Couceiro, Joaquim?  
—Não senhor; isso não foram, por que ainda ontem os vi, o que eu notei, sr. João, é que o professor principalmente andava um tanto macambusio.  
—Não te admires. As coisas lá pela Galiza não lhe correm á feição, e por esse motivo andarão meio assombrado com os acontecimentos.  
—E desta vez, sr. João, sempre caçarão o tal Paiva Couceiro?  
—Não, Joaquim; não caçam, porque esse heroi de papelão é muito valente de gambias,  
—Mas então, porque o não matam?  
—Morto já ele está ha muito, meu amigo; morreu para todos os portugueses. Todo o homem que bate na sua mãe, e procura matar os seus proprios irmãos, está morto perante toda a humanidade.  
Morto moralmente, sabes, Joaquim, que é a peor das mortes.  
—Ele então batia na propria mãe, sr. João? Eu dessa ainda não sabia.  
—Todo homem que se insurge contra a Patria, meu amigo, bate na mãe, porque a Patria é a mãe das mães. A coisa mais sacrosanta que ha no mundo, é a defeza da Patria, porque quem a defende, defende wae e pai, filhos e visinhos e tudo.  
—Ainda assim, sr. João. é uma pena não acabar com isto duma vez.  
Eu entendia que se matásse ou prendesse aquele homem, isto entraria em paz e socego, que é o que nós queremos.  
—Estás enganado, meu bom Joaquim. O Paiva Couceiro, se não existisse seria preciso inventá-lo.  
—Ora essa, agora é que eu não entendo, sr. João...  
—Pois é facil de compreender. Aquele Paiva, é simplesmente uma taboleta. A' sombra dala ha milhares de Paivas Couceiros, espalhados por todo o nosso pais, e até por todo o mundo. Se não fosse aquele, que serve de isca, como caçaríamos nós os outros, que são ainda bem péores do que ele?  
—Ha milhares deles? Mas então onde estão?  
Em cada igreja, com rarissimas excepções, está um. Pouquissimos



padres existem que não sejam Paivas Couceiros. Mas não são só esses, meu amigo; todos os juizes que absolveram conspiradores, todos os jurados, todas as autoridades, todas as pessoas que os defendem. Todo o homem que atacar a lei da Separação, todos os que não defenderem a Republica, são Couceiros: Porisso, meu Joaquim, não é preciso ir a Galiza para ver a taboleta. A todos os cantos se vêem originaes, com a agravante de serem ainda muito peores.

—Peores ainda mais do que o Couceiro? Mas então não é o chefe?

—E' não ha duvida. Mas tu sabes que quasi sempre os chefes das quadrilhas de salteadores teem melhor contrição do que as quadrilhas que os acompanham. E esse facto deu-se com o José do Telhado. Este célebre salteador tinha mais trabalho para conter os membros de sua quadrilha, quando dava assaltos ás propriedades, do que propriamente a combater os roubados. Pois com o Paiva Couceiro acontece precisamente o mesmo. A quadrilha de que ele é chefe, pratica actos que envergonhariam o José do Telhado e toda a sua quadrilha.

Como a do Couceiro é composta do que de mais ordinario e mais vil nasceu em Portugal, comete crimes que nem ao diabo lembrariam. Caloteiros, não pagam a ninguém; assaltam as casas lá na Galiza, e assim que entram em Portugal, não querem saber da moarquia nem da Republica; procuram os pequenos postos da guarda fiscal e roubam aos pobres soldados os tristes cobres que tanto lhes custaram a ganhar. Desonram as mulheres daqueles pobres gallegos, e nem creancinhas de tres annos para cima lhes escapam. E o tal chefe, como o seu colega José do Telhado, certamente queria evitar estes crimes. mas não pôde, porque o José do Telhado era um ladrão nacional, nunca saiu de Portugal para roubar; nunca recorreu á Hespanha para que lhe fornecesse armas para nos atacar; não estava vendido ao estrangeiro, era um gatuno patriota e por isso tinha força moral sobre a quadrilha.

O Couceiro não, os quadrilheiros não o respeitam, porque ele é um poltrão; é sempre o primeiro a fugir e anda tão escondido que eles raramente o veem. E isto faz com que entre estes dois já célebres salteadores, haja esta diferença; o José do Telhado, honrou a classe dos salteadores portugueses; o Paiva Couceiro envergonha os ladrões portugueses e até os salteadores estrangeiros. Mas isto tambem é uma questão de épocas. A evolução dos tempos tambem influe no carater dos bandidos. No tempo de José do Telhado, era rei D. Pedro V, que mereceu algumas estatuas publicas; no tempo de Paiva Couceiro, foi rei o D. Carlos, que vai ter uma estatua numa cela da Penitenciaria.

Até amanhã, Joaquim.  
—Adeus, srn João, até amanhã.  
João da Eira

**Dr. José Bessa de Carvalho**

Chegou de facto a Espinho, não no domingo, como por lapsó já noticiamos, mas na terça-feira ultima, o nosso presado amigo e dedicadissimo correligionario.

Acompanhava-o sua ex.ma esposa e irmãos e seu filho Alberto de Castro Bessa de Carvalho, bem como seu sobrinho Elisio Bessa de Almeida e Castro.

O Sr. Dr. Bessa de Carvalho, que foi muito cumprimentado no seu regresso, teve de retirar-se por alguns dias para Lisboa em serviço de funções officaes que ali desempenha.

**CASOS E NOTICIAS**

**O tempo e o mar.**—Mar calmo e tempo irregular, com amotras de chuva—é o boletim meteorologico da semana.  
A pesca tem sido pouco abundante.

**Banhistas.**—Continna a affluir á nossa praia bastantes familias espanholas.

**Obras de defesa.**—Proseguem os trabalhos de defesa da praia. O sr. dr. Bessa de Carvalho, solcito representante de Espinho no Congresso da Republica, empenha-se em obter a necessaria dotação para que a obra continue com regularidade.

**Comissões politicas.**—Reuniram na ultima quinta-feira os cidadãos que constituem as comissões politicas ultimamente eleitas. Tomaram-se deliberações que são de caracter reservado.

**Cinematografos.**—Nos salões Avenida e Peninsular continuam com regularidade e bastante concorridas as sessões cinematograficas.

Tem agradado muito algumas fitas de novidade, ultimamente exibidas.

**Touros.**—E' hoje a inauguração da época tauromaquica em Espinho.

Os cartazes anunciam uma auspiciosa estreia.  
Aos touros!

**Posturas Municipaes.**—Foram publicadas e entram em vigor desde já, algumas disposições de posturas municipaes referentes á higiene e policiamento das ruas e logares publicos, bem como a construção e reconstrução de edificios.

Tambem entra em vigor o regulamento de salubridade das edificações urbanas, adotado pela camara de Espinho.

**Club Alegre Mocidade.**—O corpo scenico d'este Club leva á scena no proximo domingo, 4 d'agosto, a importante opereta em 4 actos «O Moleiro d'Alcalá».

E' uma peça muito interessante que se recomenda pela excelente musica de que é ornada e pelo belo e aparatoso efeito de scena.

Deve ser, pois, um espectáculo muito agradável.

**Parabens.**—Merece-os e muito cordiaes o nosso presado amigo Manuel Pereira Granja pelo exito que nos exames d'este ano obtiveram os seus dois filhos Manuel e Nestor. Aquele concluiu o seu curso de Pharmacia (2.ª classe), o ultimo acaba de fazer o 7.º anno do curso dos lyceus.

Aos noveis estudantes apresentamos igualmente as nossas cordaeas felicitações.

(Extrato da sessão da Comissão administrativa, de 24 do corrente).

Presidencia do cidadão Alberto Milheiro; presentes os vereadores cidadãos: Avelino Vaz, Silva Gueim e José de Carvalho.

Lida, aprovada e assinada a áta da sessão anterior, é apresentada a seguinte correspondencia.

Officio do Grupo de Defesa da Republica, d'Aveiro, convidando a Camara a fazer-se representar no funeral do desditoso Administrador de Cabeceiras de Basto que se realizou n'aquella cidade no domingo ultimo. Inteirada e siente de o haver representado pelos vereadores srns. Alberto Milheiro e Avelino Vaz.

Circular do directorio do Partido Republicano Portuguez, sollicitando um donativo para a subscrição que revertirá a favor da compra de uma flotilha de aeroplanos a oferecer ao governo na dia 5 d'Outubro proximo. Não ho verba.

Officio do Governo Civil d'A-

veiro, comunicando achar o julgamento da conta de 1911 d'esta camara dependente de ser pago o emolumento de 5480 reis. Inteirada.

Officio do cidadão Manoel Leal de Magalhães, pedindo providencias contra o abuso de certos ciclistas que transitam pelos passeios com as maquinas ponde em risco a segurança dos transeuntes. A Camara resolve recomendar o assunto aos zeladores municipaes.

Officio do Director da Repartição de Turismo, participando ter aquella repartição tomado a iniciativa d'uma exposição de objetos caracteristicamente portuguezes que possam ser vendidos a bordo dos navios que tocam nos nossos portos ou em quaesquer estabelecimentos, que se tenham dedicado a este negocio ou que desojem introduzil-o no seu commercio, e sollicitando uma nota aproximada das industrias que se exercem na area deste concelho. Deliberou responder.

Officio do Inspetor escolar do circulo da Feira, comunicando que superiormente lhe foi devolvido o processo para a criação de um curso noturno na escola masculina desta praia, o qual só deverá novamente ser remetido á estação competente quando tiver documento comprovativo de que a Camara assume as responsabilidades pelas despesas a fazer com a criação do referido curso. Comedido o assunto ao srn. presidente Circular n.º 202 do Governo Civil d'Aveiro, chamando a atenção da Camara para os avisos publicados no Diario do Governo de 17 do corrente por ordem do Ex.º Ministro do Interior e tambem recomendando para informar de quaes os funcionarios do Estado abrangidos nos mesmos avisos, e bem assim para serem remetidos áquele Governo Civil todos os documentos e esclarecimentos justificativos das ausencias respetivas e notas d'elas com data do seu inicio e termo. Inteirada e siente de já se haver respondido.

Officio n.º 713 da Comissão Distrital d'Aveiro, remetendo as copias das deliberações daquela Comissão n.ºs 7093, 7094 e 7097, de 13 do corrente que aprovaram as desta Camara, tomadas nas sessões de 19 de Junho ultimo e 3 do corrente mez, constantes das referidas copias. Inteirada.

Idem, da mesma entidade, n.º 714, acompanhando a copia da deliberação da aludida Comissão Distrital n.º 7100, de 13 do corrente que aprovou a desta Camara tomada em sessão de 24 d'Abril ultimo, constante da referida copia. Inteirada.

Requerimento de João Marques dos Santos, morador em Espinho, pedindo lhe seja concedido por força de alinhamento para edificação a parte de terreno indicada a carmin na planta junta com a superficie de 336,69 centimetros. Deferido.

Idem de Maria Rosa de Jesus, solteira, moradora neste concelho, sollicitando em virtude de não poder prover ao seu sustento, subsidio de latação para alimentar uma creança seu filho, do sexo masculino. Deferido para quando houver orçamento.

Idem de Antonio de Bastos Maia e José Tavares d'Oliveira sollicitando licença para construção. Juntem planta.

Idem de Emilia das L. Pinto de Menezes, participando desejar adquirir, por força de alinhamento para edificação, duas parcelas de terreno municipal, com a superficie de 48,360, e 8,32 conforme a planta junta. Deferido.

Balancete da thesouraria referente á semana finda em 20 do corrente.

**Recelta**

Saldo da semana anterior . . . . .	477:095
Impostos indirectos . . . . .	217:310
Diversos rendimentos . . . . .	29:150
	723:555

**Despeza**

Pago pelos mandados de n.º 77 a 79 . . . . .	210:986
Transferido para a Caixa Geral de Depositos . . . . .	22:537
Saldo para a semana seguinte . . . . .	4900:32
	723:555
Na Caixa Geral de Depositos . . . . .	399:794

Foram tomadas varias pequenas deliberações, sancionadas varias ordens de pagamento e em seguida encerrada a sessão.

**COLABORAÇÃO ALHEIA**  
**«A MULHER»**

A alma portugueza vae descausando das fadigas, vae dormindo um sono leve e ligeiro, para acordar cheia de forças em face duma nova vida com novos encantos e fulgores. Hoje o ar é puro e fresco, o vento macio e brando, e, á noite, as proprias estrelas parecem contar-nos a triste figura d'esse punhado de fraticidas, que, se outr'ora foram homens de boa témpera e intelligencia, agora são consciencias contaminadas por doutrinas que na apparencia parecem educativas, mas que no fundo só embrutecem e arruinam. Sigamos a doutrina de Jesús que pugnava pelo triunfo da Liberdade, assentando toda a sua doutrina n'um só mandamento, bello e magestoso como o poema da Natureza: «não faças aos outros o que não queres que te façam a ti. Quer dizer, não mates para que a tua traição não seja lavada com o teu sangue, e não cuspas para que não te escarrem tambem. Pois bem, olhemos agora a vida por um outro prisma, convivamos todos como irmãos, esquecendo as inimizades e rancôres, e trabalhemos valentemente, com denodo, para levantar Portugal ao cimo de todo o esplendor.

Após a tempestade, mais cedo ou mais tarde, vem sempre a bonança. Ah! mas depois que ninguém tente revolver as lutas, repetir as blasfemias e julgar as injurias!... O alma da mulher, alma grande e pura, mas tímida, não chores o presente, nem vacilles perante o futuro, porque ninguém ousa roubar as tuas creanças, nem alguem vae estorvar a doce harmonia que paira no teu lar! Educa os teus filhos, o fruto do teu ventre, na bella doutrina da santa religião da sacrosanta Liberdade, e vae-lhes dizendo que amanhã a Patria os pode chamar para irem defender as fronteiras que nos tornam um povo livre e independente! Sé Mãe em toda a acção da palavra! O teu dever é bem grande, e só o deixarás de cumprir, quando a Morte terminar com a tua alta missão na terra. Tudo é sereno! No ar, ouvem-se, dispersos, cantos de triunfo e gloria; a propria Natureza parece ostentar galas e os homens trabalham, tranquilos, sem se perturbarem com os escárneos tocados, lá de longe, pelos labios d'aquelles que talvez, impensadamente, se atiraram para um abismo que não tem fundo, para um mar onde só ha ondas revoltas e bramidozozas, para uma terra despida de vegetação e ornada somente com rochedos disformes. Trabalha tu tambem, mulher, e com a mesma força de vontade. Se Deus é Deus e um só existe, a paz, a harmonia viverá conosco eternamente! O futuro da Patria está nas tuas mãos, mulher, porque d'essas tuas mãos é que saiem os homens com a consciencia educada ou não. Pois bem, educa-os na doutrina toda magia da Liberdade, e dize-lhes que a Vida não se vive a bater dom as mãos no peito, ou fazendo innumeras vezes o sinal da cruz. Ah! isto de viver a Vida é um misterio tão fundo que nem a propria alma humana a sabe viver! Pois que fa-

mos nós sobre a terra? sofremos ou gozamos. Mas onde nos leva o sofrimento? ao nada. Pois bem, já que assim é, eu direi como Victor Hugo: «Antes ser preferivel ser martelo do que bigorna». O alma da mulher, alma grande e crente, não te deixes levar pela teoria de que os teus sacrificios serão coroados com o ceu.

Não queiras tragar toda a especie de lendas e chimeras, como a immortalidade, o paraizo, e as estrelas. Cré, eu te juro pelo que ha de mais santo, além da campã não ha senão a igualdade do nada, Abraça esta doutrina, mulher, e educa assim os teus filhos, e verás que mais tardé elles serão almas puras como tu, almas sedentas como da Verdade, da Justiça, procurando o positivo, profundando. Vá, são horas de acordarmos da letargia em que viviamos adormecidos. Trabalhemos para que este nosso barco chegue ao ponto desejado, alcance a enseada propicia. As tempestades passaram de vez. Quando tu, mulher, estiveres reclinada no berço do teu filhinho, cobre-o com beijos, e que esses teus beijos sejam as palavras com que elle se vá ensaiando para aprender a falar: «Viva a Patria!» Assim sim. E nós os homens, nós os moços em face do teu exemplo tão grande, abriremos os braços como para estreitar a dôr da Humanidade inteira, e mexendo os labios sorrir-nos-emos para a Natureza, dizendo bem juntos e num só côro: «Para a frente».

Espinho  
José Soeiro

**EDITAL**

O cidadão Joaquim de Sá Alves de Oliveira, vereador servindo de Presidente da Camara Municipal de Espinho.

Faço saber que, em virtude da de.beração desta Camara, ha de ir a lanço com a maior publicidade na sala das sessões dela pelas 13 horas da manhã, do dia 7 do mez de Agosto e se arrematará definitivamente, se assim convier aos interesses do municipio, o seguinte: O arrendamento do espaço de terreno para um logar de engraxador, no angulo das ruas 14 e 19, junto ao marco postal, até o dia 30 de Junho de 1913.

As condições para a sobredita arrematação estarão patentes na secretaria desta Camara todos os dias, a contar da data do presente edital, até ao dia acima anunciado, onde poderão ser examinadas por quem nisso se interessar.

E para que chegue ao conhecimento de todos, mandei passar este, que affixado será nos logares publicos do costume.

Secretaria da Camara Municipal de Espinho, 17 de Julho de 1912. E eu José João Ferreira, secretario, o fiz escrever e subscrevi.

O Presidente,

Joaquim de Sá Alves de Oliveira.

**Terreno barato**

**VENDE-SE** um proximo da feira (mercado) com 1,533 m<sup>2</sup> e com trez frentes. Falta-se na estação telegrafo-postal de Espinho.



CAMINHO DE FERRO DO VALLE O VOGA

De Espinho a Aveiro

De Aveiro a Espinho

Table with 2 columns for directions: De Espinho a Aveiro and De Aveiro a Espinho. Rows list stations and corresponding times.

HORARIO DOS COMBOIOS

Entre Porto e Lisboa

Table showing train schedules between Porto and Lisboa, including station names and times for various train types.

Entre Lisboa e Porto

Table showing train schedules between Lisboa and Porto, including station names and times for various train types.

CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGICO

Rua 19 (antiga Pinto Coelho) ESPINHO

Medicos cirurgicoes:

J. PINTO COELHO

RESIDENCIA

Avenida Graciosa, 72

J. CORREIA MARQUES

R. Vaz d'Oliveira, 1

FOTOGRAFIA EVARISTO

Avenida Serpa Pinto, 232

ESPINHO

Execução perfeita de qualquer trabalho photographico.

Retratos em todos os generos.

Reproduções de qualquer retrato por mais an tigo que seja

Conclusão de trabalhos aos photographos amadores

PADARIA CASAL RIBEIRO

RUA 25 numero 64

(Proximo a camara)

ESPINHO

Manipulação esmerada de pão trigo e milho

DISTRIBUIÇÃO aos DOMICILIOS

Hotel e Restaurante

CAFE CHINEZ

DE

José Fernandes do Lago

Praia d'Espinho

Aberto todo o anno Proximo á es tação.

OFFICINA

- DE -

PICHELEIRO E FUNILEIRO

DE

João Augusto de Souza

RUA N.º 14 CASA N.º 81 a 86 Antiga Rua Vaz d'Oliveira—ESPINHO

Text describing services for iron pipes, galvanizing, and machinery.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

HOSPEDARIA

AMORIM

Largo do Passeio Alegre, junto ao jardim e em frente á Estação, lado oposto.

Aberto todo o anno, até ao ultimo comboio do Porto.

MONTENEGRO DOS SANTOS

NOTARIO PUBLICO RUA VAZ D'OLIVEIRA, 260

ESPINHO

ALBERTO MILHEIRO

Cirurgião dentista

Prothese e operações dentarias

Passelo Alegre 10-1.º

Em frente ao coreto da Graciosa

Advertisement for Nuclarenhina Ferreira featuring a logo with a caduceus and text: 'Marca e nome registados em Portugal'.